

PENSAMENTO FREIRIANO NA CONTEMPORANEIDADE: ENTENDER A EDUCAÇÃO COMO TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Beatriz Souza Lima Maciel da Silva¹

Jhonatas Rodrigues Lourenço²

Amanda da Silva Cuim³

Ijosiel Mendes⁴

Elimeire Alves de Oliveira⁵

Suéllen Danúbia da Silva⁶

Tiago Moreno Lopes Roberto⁷

RESUMO: Este artigo analisa a aplicabilidade da pedagogia de Paulo Freire no Ensino Fundamental I, no contexto educacional contemporâneo marcado pela digitalização e pelas metodologias ativas. Partindo do princípio freiriano da não-neutralidade da educação, o estudo investiga como essa abordagem pode fomentar a conscientização crítica, a autonomia dos estudantes e a transformação social. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada em pesquisa bibliográfica das obras de Freire e análise do projeto "Identidade Brasileira", um estudo de caso desenvolvido em uma escola de Votuporanga-SP. Os resultados demonstram que princípios freirianos como o diálogo, a problematização da realidade e a crítica à "educação bancária" permanecem urgentemente relevantes. A análise do projeto evidencia que a transformação de falas preconceituosas em temas geradores e o uso de Círculos de Cultura e metodologias ativas (como estações por rotação) promovem a construção coletiva do saber, convertendo a "curiosidade ingênua" em "curiosidade epistemológica". Conclui-se que a pedagogia freiriana configura-se como uma potente ferramenta de resistência às lógicas homogeneizadoras e mercantilistas da educação atual, sendo viável e necessária para a formação de sujeitos críticos e autônomos desde os anos iniciais do ensino fundamental.

7327

Palavras-chave: Educação Libertadora. Educação Bancária. Conscientização. Ensino Fundamental I. Paulo Freire.

¹Graduanda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Futura.

²Graduando Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Futura.

³Docente na Faculdade Futura de Votuporanga, Docente na Prefeitura de Votuporanga. Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP). Especialista em Educação Infantil e Ensino Fundamental, Coordenação Pedagógica (UFSCAR). Graduada em Pedagogia (UNIFEV).

⁴ Docente da Faculdade Futura de Votuporanga. Graduado em Matemática. (UNIFEV). Especialista em Matemática (UNICAMP). Especialista em Matemática no Ensino Médio (UFSCAR). Mestrado em Matemática (UNESP).

⁵Docente e Coordenadora no Curso de Pedagogia na Faculdade Futura. Graduada em Direito (UNIFEV). Graduada em Pedagogia (Faculdade de Antônio Augusto Reis Neves). Graduada em Letras (UNIFEV) Especialista em Gestão Escolar (UNICAMP). Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP)

⁶Docente no curso de Pedagogia da Faculdade Futura. Graduada em Ciências Contábeis (UNIFEV), graduada em Administração pela Faculdade Futura, Graduanda em Pedagogia (UNIBF) Especialista em Administração Estratégica com ênfase em Marketing e Gestão de Recursos Humanos (UNILAGO), Especialização em Controladoria (UNIASSELVI), Mestrado em Administração (UNIMEP).

⁷Graduado em Psicologia e Pedagogia. Especialista em Saúde Mental, Mestre em Psicologia e Saúde; Doutorando em Ciências da Saúde; Professor do Curso de Psicologia e Odontologia; Professor e Gestor de Políticas Acadêmicas da Faculdade Futura.

ABSTRACT: This research analyzes the applicability of Paulo Freire's pedagogy in Elementary School classrooms within the contemporary educational context, marked by digitalization and active methodologies. Based on the Freirean principle of education's non-neutrality, the study investigates how this approach can foster critical awareness, student autonomy, and social transformation. The methodology is qualitative, grounded in bibliographic research of Freire's work and the analysis of the "Brazilian Identity" project, a case study developed in a school in Votuporanga-SP. The results demonstrate that Freirean principles — such as dialogue, the problematization of reality, and the critique of "banking education" — remain urgently relevant. The analysis of the project shows that transforming prejudiced speech into generative themes and using Culture Circles and active methodologies (such as learning stations) promote the collective construction of knowledge, converting "naive curiosity" into "epistemological curiosity." It is concluded that Freirean pedagogy constitutes a powerful tool of resistance to the homogenizing and market-driven logics of current education, being both feasible and necessary for the formation of critical and autonomous subjects from the early years of elementary school.

Keywords: Liberating Education. Banking Education. Consciousness. Elementary School. Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

O pensamento de Paulo Freire fundamenta-se no diálogo e na conscientização, delineando uma educação que transcende a mera transmissão de conhecimento, buscando a transformação social. Sua abordagem é essencial no contexto contemporâneo, especialmente em sociedades marcadas pela marginalização, pela subjugação e pela desigualdade (FREIRE, 1996).

Para Freire (1996), a educação não é neutra: ela pode promover a emancipação dos indivíduos ou manter o status quo. Seu método consiste na conscientização e na criticidade do ser, incentivando a reflexão por meio de círculos de cultura e debates, opondo-se veementemente à concepção da educação bancária, que deposita o conhecimento de forma passiva no aluno. Propõe-se, assim, uma educação dialógica, baseada na troca de experiências e na construção coletiva do saber, onde a reflexão crítica e a ação transformadora são pilares. Essa visão transforma o estudante de receptor passivo em um sujeito ativo, capaz de compreender sua realidade e atuar em sua transformação.

Nessa perspectiva, Freire permanece uma referência vital. Suas ideias, longe de serem datadas, adquirem nova força em um cenário global crescentemente desigual e complexo, onde a necessidade de uma educação crítica e libertadora se manifesta como urgente (GADOTTI, 2007, p. 45).

Diante do exposto e dos desafios da sociedade atual, questiona-se: Como a pedagogia de Paulo Freire pode ser aplicada no Ensino Fundamental I para fomentar a conscientização e a autonomia em um contexto educacional marcado pela digitalização e pelas novas metodologias ativas?

Este estudo propõe-se a analisar a aplicabilidade de sua pedagogia nos desafios da educação escolar contemporânea, com foco específico nas salas de aula do Ensino Fundamental I.

O objetivo geral é analisar como a pedagogia freiriana pode ser aplicada nas salas de aula do Ensino Fundamental I, promovendo a conscientização crítica, a autonomia dos estudantes e a transformação social via educação libertadora.

Para atingir o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

Compreender os princípios da pedagogia freiriana e sua relação com a educação libertadora;

Analisar a ressonância da pedagogia freiriana nos desafios do cenário educacional contemporâneo, considerando a influência das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), da digitalização e da globalização;

Investigar as práticas pedagógicas de professores do Ensino Fundamental I, identificando o uso de metodologias ativas e materiais didáticos sob a perspectiva da educação libertadora;

7329

A teoria freiriana transcende as esferas educacionais, impactando diretamente a formação do ser social, histórico e político, e fortalecendo os pilares da cidadania e da democracia, especialmente nas sociedades marginalizadas. A educação libertadora é um ato de resistência à opressão, exigindo a convicção de que "a mudança é possível" (FREIRE, 1996, p. 39).

Nos debates atuais sobre práticas que valorizam o contexto sociocultural dos alunos, a teoria freiriana oferece caminhos para uma educação que promova a diversidade, o respeito e o desenvolvimento do pensamento crítico. Corroborando esse princípio, Freire ressalta: "A liberdade é uma conquista e não uma doação e exige uma busca permanente. Busca que só existe no ato responsável de quem a faz" (FREIRE, 1987, p. 47).

Nesta perspectiva, a educação assume um papel indispensável na construção de uma sociedade justa, especialmente em um contexto marcado por desigualdades onde a educação

tradicionalista frequentemente as reforça. A educação que se compromete com a libertação deve fundar-se na conscientização,

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres 'vazios' a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicamente compartimentada, mas nos homens como 'corpos conscientes' e na conscientização. (FREIRE, 1987, p. 80)

A educação torna-se, assim, um espaço de reflexão, promovendo a autonomia dos alunos para questionar e transformar o meio em que vivem. É um caminho para a liberdade e um instrumento de mudança social que, ao promover a conscientização e o pensamento crítico, forma sujeitos que reconhecem as estruturas opressoras e se tornam protagonistas de sua própria história.

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de estudo de caso, permitindo uma análise aprofundada e contextualizada da pedagogia freiriana por meio da observação de sua aplicação em um cenário escolar concreto. O estudo focaliza o projeto Identidade Brasileira, desenvolvido no Ensino Fundamental I, tomando-o como unidade de análise para compreender como os princípios freirianos se materializam na prática pedagógica contemporânea. A investigação ancora-se no método dialético, que possibilita apreender a realidade educacional em sua totalidade, considerando suas contradições, conflitos e movimentos de transformação (MINAYO, 2016). Dessa forma, busca-se não apenas descrever a experiência, mas também interpretá-la à luz do referencial freiriano, identificando possibilidades, limites e significados da educação libertadora no contexto atual.

O referencial teórico do estudo será construído a partir de pesquisa bibliográfica, envolvendo a análise de obras fundamentais de Paulo Freire como *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia da Autonomia* e de produções acadêmicas recentes que abordam sua atualidade e influência pedagógica. Adicionalmente, serão examinados documentos oficiais, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), bem como materiais didáticos em uso, com o propósito de identificar articulações e tensionamentos entre a proposta freiriana e as políticas e práticas educacionais vigentes no Brasil contemporâneo.

2 FUNDAMENTOS DA PEDAGOGIA FREIRIANA

O pensamento de Paulo Freire emergiu em um contexto histórico de profundas desigualdades e exclusão social no Brasil. Na década de 1960, segundo dados do IBGE, cerca de

40% da população acima de 15 anos era analfabeta, condição que atingia especialmente as classes populares e a população negra. Esse cenário não era mero acidente social, mas, como aponta Paiva (1980), uma ferramenta de dominação que perpetuava a marginalização das maiorias. Foi nesse ambiente que Freire concebeu a alfabetização como ato político e de libertação, contrapondo-se a um sistema educacional excludente e estruturado por desigualdades de classe e raça (HASENBALG, 1979).

Sua proposta pedagógica ganhou expressão concreta na experiência de Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963, onde cerca de 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 40 horas, utilizando palavras geradoras como tijolo, terra e salário. Mais do que decodificar sílabas, o método promovia a reflexão crítica sobre trabalho, propriedade e cidadania, configurando-se, nas palavras de Beisiegel (1982), como uma experiência revolucionária de educação popular.

Segundo Gadotti (1995), com o golpe militar de 1964, a pedagogia freiriana foi criminalizada por seu caráter emancipador. Freire foi preso e exilado, e seu método considerado subversivo por formar sujeitos críticos, e não apenas obedientes.

O legado freiriano transcende seu tempo histórico, mantendo-se como referência vital para a educação na contemporaneidade, especialmente em sociedades marcadas por desigualdades. Como destaca Gadotti (2007), sua pedagogia dá voz aos oprimidos e convoca à responsabilidade social, sendo instrumento de resistência e transformação ainda hoje. Assim, Freire e Horton (2015) consideram que a teoria freiriana defende uma educação que reconheça as diferenças, mas que busque a igualdade de oportunidades, entendendo que a diversidade é condição humana e a igualdade, uma construção política.

2.1 Contextualização histórica e filosófica

Freire em suas experiências com a educação popular no Brasil, revolucionou a forma de conceber o processo educativo ao vinculá-lo diretamente à prática da liberdade. Esse pensamento, contudo, desenvolveu-se em um contexto histórico marcado por profundas tensões políticas e sociais.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1960, cerca de 40% da população brasileira acima de 15 anos era analfabeta. Essa condição estava concentrada nas classes populares, rurais e urbanas, e predominantemente em indivíduos negros.

Paiva (1980) considera que o analfabetismo não representava um acidente social, mas sim uma ferramenta de manutenção da dominação das camadas populares, perpetuando o sistema e o poder da minoria. Nessa perspectiva, o ensino da leitura e da escrita, sob o viés freiriano, contrariava o sistema vigente, pois se configurava como uma leitura de mundo, um ato essencialmente político.

Nesse período, o sistema educacional era excludente, restringindo o acesso à minoria e reproduzindo as desigualdades sociais. A educação rural era inexistente ou precária. Conforme Hasenbalg (1979), a exclusão possuía cor e classe social, sendo a taxa de analfabetismo significativamente maior entre a população negra e pobre. Freire, ao direcionar seu método alfabetizador para as classes marginalizadas, conferiu-lhe um caráter de libertação política e social.

A eficácia de sua proposta foi comprovada nos anos de 1962 e 1963, em Angicos, no Rio Grande do Norte, onde Freire e seus colaboradores alfabetizaram cerca de 300 trabalhadores rurais em 40 horas. O projeto demonstrou que a alfabetização não era um ato neutro: em Angicos, 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias, com uma carga horária total de 40 horas, usando palavras geradoras como tijolo, enxada, terra, casa e salário. Mas não se aprendia apenas a silabar ta-te-ti-to-tu. “Discutia-se o que era o trabalho, quem era o dono da terra, o que era um salário justo e o significado do voto”. (FÁVERO, 2013, p. 15)

7332

Segundo Beisiegel (1982), essa abordagem transformou Angicos em muito mais que um projeto pedagógico; ela se tornou uma experiência de educação popular que, ao capacitar os oprimidos a *ler o mundo*, mostrou-se revolucionária e ameaçadora para a ordem opressora. Freire (1967) complementa, ao ressaltar que o alfabetizando não aprende somente a palavra tijolo, mas também aprende a pensar criticamente sobre o tijolo: para que serve, quem o produz, quem constrói a casa e por que muitos não têm onde morar.

Com o golpe militar de 31 de março de 1964, instaurou-se uma ditadura que perseguiu, prendeu, torturou e exilou opositores. A ligação de Freire com movimentos populares e seu objetivo explícito de usar a educação para a libertação fizeram dele um alvo imediato. Sua pedagogia era vista como subversiva por transformar o analfabeto de objeto passivo em sujeito de sua própria história.

Freire foi preso e forçado a se exilar. Conforme o educador: “Meu exílio não foi uma fuga, mas uma expulsão. Expulsaram-me porque minha prática educativa era, de fato, uma prática política a serviço da humanização dos oprimidos”. (FREIRE, 1995, p. 18).

Foi nesse contexto de intensa ebulição política e busca por transformação social, no qual os ideais socialistas e nacionalistas se chocavam com o conservadorismo, que Paulo Freire desenvolveu seu método de alfabetização. A articulação entre consciência de classe e trabalho docente fundamenta-se no princípio da capacidade de decifrar criticamente a realidade social antes da decodificação formal dos códigos escritos.

A relevância de sua abordagem transcende o campo educacional, impactando diretamente a formação da cidadania e o fortalecimento da democracia. Gadotti (2007) ressalta que o legado freiriano não é apenas histórico, mas uma luz para o presente e o futuro, essencialmente necessário para que os indivíduos compreendam sua essencialidade, além de ser suporte para o enfrentamento dos desafios contemporâneos da educação, especificamente das sociedades marcadas pelas desigualdades.

Ele pode ser comparado a muitos educadores do século 20, mas nenhum, melhor do que ele formulou uma pedagogia dos silenciados e da responsabilidade social, ao mesmo tempo dos oprimidos, dando-lhes voz, e daqueles que não são oprimidos, mas estão comprometidos com eles e com eles lutam. Afirma Gadotti (2007, p. 45), “(...) colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de hoje”.

Embora reconheçamos a diferença entre os indivíduos, a pedagogia freiriana busca a igualdade de oportunidades.

2.2. A não-neutralidade da educação: conscientização e práxis transformadoras

A educação, para Paulo Freire, não pode ser um processo neutro. Ou ela serve à manutenção do *status quo*, reforçando as estruturas de dominação, ou promove a emancipação dos indivíduos, tornando-os sujeitos de sua própria história. Como afirmou: “Não há educação neutra. Ou a educação funciona como instrumento de libertação, ou como arma de dominação” (FREIRE, 1976, p. 34).

Pensando nos aspectos formativos da contemporaneidade, sua pedagogia continua sendo crucial para entender e enfrentar os desafios educacionais, especialmente em sociedades com profundas desigualdades sociais. Sua tese sobre a não-neutralidade afirma que a educação é instrumento de aceitação e alienação, onde os homens são moldados para o conformismo, aceitando o que lhes é imposto sem questionamentos, mas, na visão de freiriana, a educação pode ser um exercício de *autonomia*, onde o homem com criticidade e criatividade se vê no mundo, e busca sua transformação.

O processo de conscientização permeia toda sua proposta educacional, sendo considerado o instrumento fundamental para a práxis transformadora. A consciência crítica, definida por Freire (1989, p. 138) como “a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica, em suas correlações causais”, permite aos educandos transcenderem uma percepção ingênua da realidade. Nesse modelo, o educando, ao contrário de ser mero objeto, torna-se o sujeito de seu próprio processo de aprender e transformar o mundo (FREIRE, 1987).

Freire (1987) discute que a verdadeira solidariedade é um ato de amor que supera a piedade e se concretiza na práxis, onde os oprimidos precisam libertar-se do opressor internalizado para construir coletivamente uma história de liberdade e diálogo. Assim, a solidariedade é um ato essencialmente político e amoroso, que rejeita a simples sentimentalidade para se firmar como um engajamento inadiável e profundo na história ao lado daqueles que sofrem opressão.

Esse método, baseado no círculo de cultura e no debate crítico, valoriza a vivência dos educandos e incentiva a *ação-reflexão-ação*. Assim, o aprendizado ocorre a partir da problematização da realidade e conduz à transformação social, fortalecendo a autonomia e a participação ativa dos indivíduos na sociedade.

A crítica freiriana à educação bancária reside na importância da relação horizontal entre educador e educando, baseada no que o autor denomina ato dialógico, por meio do qual “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 79). A pedagogia freiriana opõe-se veementemente a este modelo, em que o aluno é visto como um repositório vazio, “uma lata vazia para ser enchida pelo professor” (FREIRE *apud* GADOTTI, 1996, p. 80). Essa perspectiva, criticada por Freire por sua natureza passiva e domesticadora, impede a autonomia do pensamento e a consciência crítica, pois, no pensamento freiriano, “tanto os alunos quanto os professores são transformados em pensadores críticos” (GADOTTI, 1996, p. 80).

3 A PEDAGOGIA FREIRIANA NO CONTEXTO ESCOLAR CONTEMPORÂNEO.

No cenário contemporâneo, marcado por profundas transformações tecnológicas, crises democráticas e pela persistência de gritantes desigualdades sociais, os princípios freirianos se revelam não apenas atuais, mas urgentemente necessários. A aplicação da teoria de Freire no contexto escolar consiste em transpor a teoria para a ação por meio de práticas educativas que se configurem como uma práxis, assim definida pelo autor: “(...) não há verdadeira prática

educativa que não seja, ela mesma, um ato de produção de conhecimento, um movimento dinâmico de ação-reflexão-ação”. (FREIRE, 1996, p. 32).

Nesse sentido, a pedagogia freiriana é viva e dinâmica. Adaptá-la aos novos desafios sem perder sua essência libertadora é um dos objetivos desta proposta de análise. Isso implica mapear e discutir estratégias concretas de problematização, de leitura de mundo e de conscientização, promovendo vivências educativas que estimulem o aluno a estar no mundo e a transformar sua realidade.

As sugestões de aplicação abrangem diversos campos, desde o uso crítico de tecnologias digitais e a educação midiática, a construção de currículos antirracistas e interculturalmente sensíveis, até metodologias de ensino que promovem a autonomia e a voz discente. Ao analisar estas aplicações, buscar-se-á evidenciar como a educação pode romper com o modelo bancário e assumir, efetivamente, seu papel como ferramenta de transformação social. A obra de Freire deve ser encarada não como um arquivo histórico, mas como um repertório potente de possibilidades para enfrentar os dilemas do nosso tempo, formando sujeitos críticos, empáticos e capazes de intervir na realidade para torná-la mais justa e humana.

Mesmo no Ensino Fundamental I, é possível aplicar práticas que reflitam os princípios freirianos. Um exemplo está na leitura crítica com crianças. Em vez de realizar apenas uma decodificação mecânica, o professor pode propor textos que retratem a realidade da comunidade dos alunos e incentivar questionamentos como: "Quem escreveu?", "Por que escreveu isso?" e "Isso reflete a nossa realidade?".

7335

Outro exemplo relevante é a utilização da roda de conversa como estratégia pedagógica. Diferente da aula expositiva tradicional, esse momento permite que os estudantes expressem suas vivências, ideias e dúvidas, participando ativamente do processo de aprendizagem. Esta dinâmica dialoga diretamente com os círculos de cultura, nos quais o conhecimento é construído coletivamente e o educador atua como mediador do saber. O diálogo é essencial, pois: "O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam" (FREIRE, 1987, p. 109).

Ademais, Freire (1996, p. 39) ressalta a natureza complementar do conhecimento: "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre."

A organização de projetos interdisciplinares que envolvam a realidade e a contextualização dos alunos é fundamental. Propostas que fortaleçam a participação e o

envolvimento social e político no local em que vivem — como coleta seletiva de lixo, limpeza de praças ou discussão de soluções para problemas comunitários — estimulam a práxis educativa. Tais projetos visam não apenas aos conteúdos escolares, mas à formação cidadã, consciente e crítica, objetivando a transformação social.

Essa abordagem fundamenta o princípio freiriano de que "A consciência crítica é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica, em suas correlações causais" (FREIRE, 1987, p. 138), contrapondo-se à educação bancária.

3.1 Desafios da Implementação em Tempos de Globalização e Tecnologias Digitais

Outro aspecto relevante é a abordagem das *tecnologias digitais* como ferramentas de diálogo e criação, e não apenas como instrumentos de transmissão de conteúdo. Plataformas como vídeos, *podcasts* e apresentações digitais podem ser utilizadas para que os alunos expressem suas percepções sobre temas importantes. No entanto, o uso dessas tecnologias deve estar alinhado a uma intencionalidade pedagógica crítica, evitando a simples substituição do quadro por telas sem uma efetiva mudança metodológica. Nesse sentido, Gadotti (2000) argumenta que as tecnologias devem ser integradas ao projeto pedagógico, e não o contrário.

É fundamental destacar o papel do professor como mediador do conhecimento e formador de consciência crítica. Em uma prática libertadora, o educador abandona a postura de detentor exclusivo do saber e reconhece que também aprende no processo. A escuta atenta, o respeito aos tempos de aprendizagem e a valorização das falas dos alunos são atitudes essenciais para que o processo educativo se torne, de fato, humanizador.

7336

Observa-se que, mesmo em contextos de limitações estruturais, como os vividos por muitas escolas públicas, é possível aplicar os fundamentos da pedagogia freiriana de maneira criativa e significativa. O essencial reside no compromisso do professor com uma prática reflexiva, crítica e transformadora, que reconheça os alunos como sujeitos históricos em formação.

Inúmeros são os desafios da aplicação da pedagogia freiriana na educação contemporânea, especificamente diante das mudanças provocadas pela globalização e pela intensiva utilização das tecnologias digitais na sala de aula.

A tecnologia, enquanto ferramenta mediadora da interação humana, pode ser vista como uma linguagem que evolui junto com a sociedade. Assim como a linguagem natural, ela é um produto histórico, social e cultural, e, neste sentido, é moldada pelas experiências e

necessidades humanas (LÉVI, 1993). Portanto, a tecnologia não é neutra; sua linguagem "codifica valores e intencionalidades humanas" (DUSSEL; QUEVEDO, 2010, p. 34), podendo tanto reproduzir desigualdades quanto potencializar transformações.

Na educação, compreender essa dimensão é crucial. A mediação tecnológica só é verdadeiramente crítica quando se reconhece que a técnica é um "produto cultural e histórico" (SILVA, 1999, p. 91), e não um instrumento neutro. Nesse sentido, a "linguagem digital" assume o papel de nova "palavra geradora" (FREITAS, 2017, p. 115), capaz de ser apropriada para a emancipação se for tornada objeto de diálogo e ação política na prática pedagógica.

Concordando com Freitas (2017), a educação não se separa do movimento da realidade sociocultural, que contempla outros espaços de relações, como os ciberespaços – ambientes potentes para a comunicação, a troca de saberes e o desenvolvimento de culturas.

A dialogicidade da pedagogia freiriana orienta o salto da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica. A esse respeito, Freire (1996) considera que,

A curiosidade ingênua, de que resulta o saber do senso comum, é a mesma curiosidade que, tornando-se epistemológica, se aproxima de forma crítica do objeto cognoscível. [...] A curiosidade ingênua, sem método, se transforma na curiosidade crítica, metodicamente rigorosa, que caracteriza o conhecimento científico. (FREIRE, 1996, p. 32-33).

O consumo desenfreado de conteúdos, a pressão por resultados imediatos e a velocidade da informação dificultam que o modelo educacional libertador de Freire tenha espaço para ser desenvolvido plenamente, visto que as demandas da educação contemporânea massificam e reproduzem o sistema e suas desigualdades nas escolas.

Neste cenário, a educação tradicional, para Freire (1996), muitas vezes aliena o indivíduo, fazendo-o crer que é um objeto passivo, incapaz de mudar sua realidade. Sua pedagogia tem como objetivo central levar o educando a uma autodescoberta, transformando-o de objeto em sujeito. Quando uma pessoa entende que sua voz e sua experiência são válidas e que ela pode dialogar de igual para igual na construção do conhecimento, ela compreende sua própria essencialidade.

3.2 A Pedagogia Freiriana como Resposta às Lógicas Homogeneizadoras e Mercantilistas

A educação contemporânea deve responder às demandas por uma educação democrática, crítica e contextualizada. Nesse cenário, o debate sobre as tecnologias digitais é central, pois, como afirma Freire (1995, p.85), "O computador não é neutro: ou serve para a domesticação ou para a libertação. Tudo depende de quem programa e para quê."

Conforme Freire (1996, p. 24), “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, ideia que confronta o padrão único de ensino promovido por uma lógica globalizada e uniformizadora.

Um dos principais obstáculos à aplicação desses princípios é a exclusão digital, que aprofunda as desigualdades sociais já presentes no sistema educacional. Embora as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) ofereçam possibilidades de ampliar o acesso ao conhecimento, elas também podem acentuar a distância entre os alunos que têm acesso aos recursos e aqueles que estão à margem. Dessa forma, ele nos convoca a refletir sobre o papel crítico da tecnologia na educação, garantindo que seu uso esteja sempre a serviço da emancipação e não da alienação.

Outro desafio significativo é a homogeneização cultural, promovida por conteúdos padronizados e descontextualizados, muitas vezes baseados em referenciais estrangeiros ou orientados por interesses de mercado. Essa padronização ignora as especificidades regionais e as vivências dos alunos, contrariando um dos pilares da pedagogia freiriana: o respeito ao universo cultural do educando. Freire (1987, p. 45) enfatiza que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que implica ouvir suas histórias, considerar suas realidades e valorizar os saberes populares como parte essencial do processo educativo. Nesse sentido, Gadotti (2007) complementa: “Colocar Paulo Freire no passado é não querer mexer na cultura opressiva de hoje”, reforçando a urgência de seu pensamento diante de uma escola que, frequentemente, ainda silencia as vozes dos mais vulneráveis.

7338

Vive-se, ainda, um momento de mercantilização da educação, em que o ensino é orientado por metas de desempenho, *rankings*, avaliações externas e produtividade. Esse modelo reforça práticas tecnicistas e fragmentadas, em detrimento de uma educação integral e humanizadora. A *chamada* “pedagogia bancária”, criticada por Freire (1987, p. 52), persiste nas escolas ao promover uma lógica onde “os educandos são os recipientes, e o educador o único que deposita conhecimento”, resultando em uma aprendizagem mecânica e alienante.

Freire propõe uma ruptura com esse modelo, convocando educadores e educadoras a adotarem uma postura ética, política e transformadora. Para ele, “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 1996, p. 67), e essa mudança se concretiza por meio do fortalecimento da autonomia dos estudantes e da promoção da consciência crítica como condição para a transformação social. Arroyo (2004, p. 118) reforça essa perspectiva, “educar

para a liberdade é permitir que o outro se reconheça como sujeito e possa agir no mundo com consciência e responsabilidade”.

Nesse cenário, a pedagogia freiriana representa uma forma de resistência frente às lógicas dominantes, propondo uma educação pautada no diálogo, na escuta, na problematização da realidade e na valorização do contexto histórico-cultural dos sujeitos. A tecnologia, sob essa perspectiva, não deve ser rejeitada, mas apropriada criticamente. Assim, o desafio atual não é apenas inserir recursos digitais na escola, mas garantir que seu uso esteja alinhado com os princípios de uma educação crítica e libertadora. É nesse contexto que *Metodologias Ativas* ganham relevância, pois, como destaca Moran (2018, p. 4), “a aprendizagem ativa aumenta nossa flexibilidade cognitiva e nos ajuda a superar modelos mentais rígidos e automatismos pouco eficientes”.

4 Resultados e Discussões: O Projeto "Identidade Brasileira" como Práxis Antirracista e Libertadora no Ensino Fundamental

Este capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos na aplicação do projeto Identidade Brasileira em uma escola de grande porte na cidade de Votuporanga, que atende uma comunidade com pais majoritariamente inseridos no comércio e em empresas. O projeto, com duração de 30 dias, foi uma resposta educativa direta a falas preconceituosas e racistas observadas em sala de aula, configurando-se como uma ação ética, política e pedagógica alinhada aos pressupostos de Paulo Freire. O foco da análise recairá sobre a metodologia dialógica, a emergência dos temas geradores, o processo de conscientização crítica dos alunos e a construção coletiva de conhecimentos, entendendo que “Não há educação neutra. Ou a educação funciona como instrumento de libertação, ou como arma de dominação” (FREIRE, 1979, p. 34).

7339

4.1. Do Diálogo Problemático ao Tema Gerador: A Gênese de uma Práxis Transformadora

O ponto de partida do projeto não foi um plano preestabelecido, mas uma escuta atenta e sensível do universo vivido dos educandos. A constatação de falas racistas e preconceituosas entre as crianças não foi reprimida, mas compreendida como a manifestação de uma visão ingênua da realidade (FREIRE, 1996), internalizada a partir de uma cultura opressiva mais ampla.

No momento da discussão a professora e os pesquisadores assumiram o papel de educadores freirianos, para quem “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE,

1989, p. 11). As falas das crianças eram sintomas de uma leitura distorcida do mundo, que precisava ser problematizada. Em vez de silenciá-las, a docente optou por transformá-las em um tema gerador. Esta decisão é a essência da pedagogia da problematização: "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (FREIRE, 1987, p. 79).

O problema concreto (o racismo) tornou-se o conteúdo programático, tornando a aprendizagem significativa e urgente, pois, como afirma Freire (1996, p. 43), "o ensino dos conteúdos pressupõe a existência de um sujeito crítico, que é o educando, e não um recipiente passivo".

4.2. Os Círculos de Cultura e a Construção Coletiva do Conhecimento

A estrutura central para o desenvolvimento do projeto foram os Círculos de Cultura, espaços dialógicos onde os alunos, em roda, relatavam experiências, compartilhavam descobertas e, mediados pelo professor, construíam entendimentos complexos. Semanalmente, os alunos sentavam-se em círculo. Um tema era lançado (ex.: "O que sabemos sobre a África?", "O que é beleza para vocês?"), e a discussão fluía. As falas eram registradas, e a partir deles, construíam-se mapas mentais coletivos que organizavam visualmente o pensamento do grupo. Esses mapas deram origem a textos argumentativos profundos, onde as crianças defendiam suas posições sobre representatividade e combate ao preconceito.

7340

"Você aprende a se olhar com essas atividades, eu sempre tive vergonha do meu cabelo e minha mãe manda eu alisar, mas, agora quero ele todo afro! Quero me ver bonita dessa forma". (M.L.V, 11 anos)

Esta prática é a materialização do conceito freiriano de que "o diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o 'pronunciam', isto é, o transformam" (FREIRE, 1987, p. 109). O Círculo de Cultura supera a relação vertical educador-educando, criando uma horizontalidade onde todos são sujeitos do processo de conhecer, um espaço onde "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre" (FREIRE, 1996, p. 39).

"Sabe quando alguém não te deixa brincar porque você é diferente? Tipo a cor da sua pele, o seu cabelo ou de onde você veio? Isso se chama *racismo* e é crime". (J.M, 11 anos)

O registro e a construção de mapas mentais representam a sistematização do conhecimento que emerge do diálogo, transformando a "curiosidade ingênua" em "curiosidade epistemológica" (FREIRE, 1996, p. 32-33).

4.3. Metodologia Ativa e Interdisciplinar: As Estações por Rotação como Práxis

A opção pela metodologia de estações por rotação com jogos, fotos, filmes, produção de tons de pele e confecção de vasos de argila demonstrou uma compreensão da aprendizagem como um ato ativo, sensorial e crítico.

Os alunos rotacionavam a cada 25 minutos por estações que exploravam a cultura afro-brasileira por múltiplas linguagens. A leitura de obras como *Quarto de Despejo*⁸, *O Pequeno Príncipe Preto*⁹ e *Amoras*¹⁰ não foi uma atividade isolada, mas dialogou com a produção de vasos de argila, a análise de imagens e a discussão sobre diversidade.

Em cada estação, o estudante assumia o papel de investigador ativo, superando a condição de mero receptáculo de informações. A atividade de produção dos tons de pele, por exemplo, transcendeu o caráter puramente artístico, configurando-se como uma experiência concreta de valorização da diversidade e de desconstrução do padrão estético eurocêntrico. Tal dinâmica materializou o conceito freiriano de práxis, entendida como "a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo". (FREIRE, 1987, p. 81), colocando-a em movimento: os alunos atuavam sobre os materiais, refletiam criticamente sobre seus significados e eram conduzidos a novas ações e questionamentos transformadores.

7341

4.4. Apropriação Crítica das Tecnologias e Mídias

A discussão sobre redes sociais e a proposta de criação de *posts*, vídeos e podcasts informativos pelos alunos evidenciam uma leitura crítica da realidade digital.

Quando as crianças propõem usar as redes sociais para combater o racismo, elas demonstram ter superado uma visão ingênua dessas ferramentas. Elas as reconhecem como um território de disputa e, ao planejar uma intervenção consciente, assumem o papel de produtoras de conteúdo e não apenas consumidoras. Os alunos, nesse caso, apropriaram-se criticamente da linguagem digital para torná-la instrumento de libertação, exercitando o que Freire (1996) chamava de "curiosidade crítica".

⁸ JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

⁹ FRANÇA, Rodrigo. *O Pequeno Príncipe Preto*. Ilustrações de Juliana Barbosa Pereira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

¹⁰ EMICIDA. *Amoras*. Ilustração de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018

4.5. A Escola como Espaço de Diálogo com a Comunidade

A mostra cultural, que reuniu famílias e a comunidade para ver os trabalhos desenvolvidos, foi o ápice do processo dialógico, estendendo o círculo de cultura para além da sala de aula.

A presença das famílias, especialmente de pais negros que relataram suas próprias experiências com o racismo, validou o trabalho realizado e fortaleceu os vínculos. A escola se abriu à comunidade, tornando-se um espaço de partilha e de valorização de saberes populares.

Este momento é a antítese de uma escola isolada da sua realidade. É a escola como lugar de encontro, onde os saberes científicos e os saberes da experiência vivida se encontram. A fala dos pais, ao ser incorporada ao repertório da turma, exemplifica o que Freire (1996, p. 66) defendia: "ensinar exige respeito aos saberes dos educandos". A culminância não foi uma simples exposição de trabalhos, mas um ato de "pronunciar o mundo" (FREIRE, 1987) coletivamente, mostrando que a educação pode, de fato, ser um instrumento de transformação social, pois "a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem" (FREIRE, 1967, p. 58).

4.6. Da Conscientização à Ação Concreta

O projeto Identidade Brasileira demonstrou, na prática, que os princípios freirianos são ferramentas poderosas para enfrentar questões complexas como o racismo estrutural. A partir de um problema real, e por meio do diálogo, da problematização e de metodologias ativas, os alunos transformaram seu saber

Eles não apenas aprenderam sobre a cultura afro-brasileira; tornaram-se sujeitos capazes de identificar a opressão e propor ações concretas para combatê-la, seja nas redes sociais, seja na convivência comunitária. A experiência vai ao cerne da pedagogia da autonomia: formou sujeitos mais críticos, empáticos e conscientes de seu papel na construção de uma sociedade mais justa, confirmando que "a educação não muda o mundo, a educação muda as pessoas, e as pessoas mudam o mundo" (FREIRE, 2000, p. 95). O projeto encarnou a crença freiriana de que "a liberdade, que é uma conquista e não uma doação, exige uma busca permanente. Busca que só existe no ato responsável de quem a faz" (FREIRE, 1987, p. 47).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a analisar a aplicabilidade da pedagogia de Paulo Freire nas salas de aula do Ensino Fundamental I, buscando compreender como seus princípios podem

fomentar a conscientização crítica e a autonomia dos estudantes em um contexto marcado pela digitalização e por lógicas educacionais mercantilistas. A investigação, conduzida como um estudo de caso qualitativo centrado no projeto "Identidade Brasileira", demonstrou que o pensamento freiriano permanece não apenas atual, mas urgentemente necessário para a formação de sujeitos em sociedades estruturalmente desiguais.

Os objetivos específicos traçados foram alcançados. Primeiramente, a pesquisa estabeleceu uma compreensão sólida dos princípios fundantes da pedagogia freiriana, a não-neutralidade da educação, o diálogo, a conscientização e a crítica à educação bancária, contextualizando-os historicamente para sublinhar seu caráter político e libertador. Em seguida, analisou a ressonância dessa pedagogia no cenário atual, argumentando que a exclusão digital e a homogeneização cultural são manifestações contemporâneas das opressões que a educação tradicional historicamente reforçou. Por fim, a investigação das práticas pedagógicas, materializada na análise do projeto, evidenciou que metodologias ativas, quando ancoradas em um compromisso ético-político freiriano, transcendem a técnica e se convertem em potentes ferramentas de transformação social.

O trabalho conclui que a pedagogia freiriana se configura como um paradigma de resistência às tendências homogeneizadoras, tecnicistas e mercantilistas que assolam a educação contemporânea. Ao postular que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, Freire confronta a padronização curricular e a pressão por resultados imediatistas. O estudo reforça que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) deve ser crítico e intencional, transformando a linguagem digital em uma nova palavra geradora para a emancipação, e não em um instrumento de domesticação.

O ápice desta pesquisa reside na análise do Projeto "Identidade Brasileira", que funcionou como uma práxis antirracista e libertadora no Ensino Fundamental I. A prática demonstrou a viabilidade concreta dos princípios freirianos nos anos iniciais, confirmando que a problematização da realidade, neste caso, o racismo e o preconceito, é o caminho mais eficaz para uma aprendizagem significativa. A transformação de falas preconceituosas em Tema Gerador e a utilização dos Círculos de Cultura não apenas promoveram a construção coletiva do conhecimento, mas catalisaram a transição da "curiosidade ingênua" para a "curiosidade epistemológica", capacitando as crianças a se reconhecerem como sujeitos ativos, críticos e transformadores de sua realidade.

Em suma, a educação libertadora preconizada por Paulo Freire mostra-se indispensável para a formação de sujeitos autônomos, empáticos e comprometidos com a justiça social. A aplicação de seus fundamentos no Ensino Fundamental I não é apenas possível, mas estratégica e necessária para combater o silenciamento das vozes infantis e desconstruir, desde a infância, os mecanismos de desigualdade internalizados. Como principal limitação, este estudo deteve-se na análise de um projeto-piloto em um contexto específico. Sugere-se, portanto, que pesquisas futuras explorem a sustentabilidade e os impactos de longo prazo da pedagogia freiriana em diferentes realidades escolares, bem como aprofundem a análise de sua integração curricular nos documentos oficiais, propondo diretrizes concretas para a formação continuada de educadores comprometidos com uma prática verdadeiramente democrática e libertadora.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. *Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *A formação do professor: perspectivas e problemas*. São Paulo: Cortez, 1982.
- DUSSEL, Inés; QUEVEDO, Luis Alberto. *Educación y nuevas tecnologías: los desafíos pedagógicos ante el mundo digital*. Buenos Aires: Fundación Santillana, 2010.
- FÁVERO, Osmar. Paulo Freire: a práxis política na educação popular. In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: 90 anos*. São Paulo: Cortez, 2013. p. 11-30.
- FÁVERO, Osmar; FREITAS, Ana Lúcia Souza de (Orgs.). *Paulo Freire: 40 horas de Angicos – uma experiência pioneira de educação popular*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo: Olho d'Água, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. *Pedagogia: diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Cortez/UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. O Caminho Se Faz Caminhando: Conversas sobre Educação e Mudança Social. Tradução de: Veronika Sellier. Revisão Técnica: Luiza Cortesão. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Paulo Freire e a Cultura Digital: possibilidades de uma pedagogia engajada no século XXI. In: MORAES, Maria Cândida; FREITAS, Maria T. de A. (Orgs.). Educação e Emancipação. São Paulo: Unesp, 2017. p. 101-120.

GADOTTI, Moacir. Boniteza de um Sonho: Ensinar-e-Aprender com Sentido. São Paulo: Editora Mediação, 2005.

GADOTTI, Moacir. Escola Cidadã. São Paulo: Cortez, 1992.

GADOTTI, Moacir. A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GADOTTI, Moacir. Perspectivas atuais da educação. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000.

GADOTTI, Moacir. Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.

HASENBALG, Carlos Alberto. Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico: 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

LÉVY, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

MORAN, José Manuel; BACICH, Lilian. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de adultos: uma questão de hegemonia. São Paulo: Edições Loyola, 1980.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.